

SOCIOEDUCAÇÃO  
É REVISITAR O  
CHORO, FAZER  
CORO DE QUE  
A RAÇA VEM  
PRIMEIRO, ANTES  
DE QUALQUER  
“ADORNO”

**Luiz Ferreira**

Compositor, poeta, formado em Administração, pós graduado em Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - LGPD, palestrante, Agente de Segurança socioeducativa no DEGASE.

-----

Eu carrego a missão nos ombros  
De reescrever a história  
Vinda dos meus ancestrais  
Navios cheios de corpos e vazios de almas  
Entre a dor e águas calmas  
Muitos não voltaram mais  
Regado a sangue suor  
Sem pagamento  
Era o expresso do lamento  
Que ia aportar no cais  
Negros reis e rainhas  
Da nossa memória  
Sofreram pra nossa vitória  
Escravidão nunca mais  
Hoje estamos atentos a todos os passos  
Livros debaixo do braço  
É a educação quem nos faz

Atualmente meu mundo não é na senzala  
Diploma é o quadro da sala  
Escravidão nunca mais

Expresso do Lamento - Luiz Ferreira

-----

Eis que surge uma “novidade”, no meio do nada! Pelo menos para os “incautos”, o acontecimento, um seminário para falar de raça. E, não foi em qualquer lugar... Foi no Departamento Geral de Ações Socioeducativas, o DEGASE. O recorte “quase” perfeito para dar voz aos que se sentem representados na ponta mais “fraca”, na parte que se parece mais com a “clientela” na Socioeducação. Ou, quiçá, a mais forte, pelo menos na leitura daqueles que nos imputam a resiliência de quem aguenta as agruras com mais facilidade.

Há 10 anos, o ano de 2014, era o meu primeiro dia de trabalho na função de agente de segurança socioeducativa do DEGASE. Lembro do meu choro contido no primeiro dia de visita que presenciei dos familiares aos adolescentes. Fico de frente com a realidade dos adolescentes em conflito com a lei, até então, completamente desconhecida para mim. As pessoas entravam e eram recebidas no refeitório quente, ambiente insalubre para muitos locais. Não havia passado por uma experiência tão contundente e nessa o “castigo” parecia proposital, como se os familiares e os adolescentes apreendidos merecessem. Alguns ventiladores funcionando e outros não, o calor não era a pior das intempéries, ao se reencontrarem, mães e filhos se abraçavam e misturavam os corpos.

Os adolescentes com o cuidado de tomarem banho, alguns esperavam prontos, ansiosos, colocando a roupa mais limpa, o chinelo mais apresentável, aquela havaiana branca trazida pelos responsáveis. Arrumados para a visita, a caminho do refeitório, passavam pela mesa, onde ficava um agente encarregado de controlar esse deslocamento. Com ele, pegavam o frasco de desodorante que eram trazidos pelos próprios responsáveis, davam uma borrifada, e iam conferindo o odor levando o nariz até debaixo do braço, em uma comprovação de que cheirosos abraçariam o ente querido. Na troca de olhares, a emoção entre eles falava altíssimo, adolescente como se quisesse proteção, responsável como se fosse obrigado a proteger.

Diante desse cenário, revisito a minha memória, vejo um dos capítulos mais assustadores da minha vida, eu poderia ter ido parar ali e minha mãe

preta, igual as que estavam ali, teria que me visitar. Durante a infância no morro, do pedido de socorro por ter sido confundido e quase apreendido. Em minha defesa, dizia que não era bandido, porém, mesmo que não houvesse indícios, minha fala foi completamente ignorada. Fui conduzido por seis policiais, lembrando-me a todo instante que me matariam se corresse. Após muitas violências, outros policiais me liberaram, dizendo que o outro suspeito não era negro. Ouvi que estava na “hora errada no lugar errado”, sendo esse o lugar onde morava, não poderia estar em outro, quem diz isso, nunca morou em áreas em que o seu direito está nas mãos de quem detém o poder.

Com tantas camadas do racismo que via naquele refeitório, me confundi sobre quem poderia ser naquele contexto, o agente de segurança Socioeducativa, um observador de dores, ou, na pior das hipóteses, alguém incapaz de exercer a sua função naquele momento. Não foi fácil terminar aquele dia, o plantão foi até 19 horas. Após a visita, a unidade silenciava, os que recebiam os parentes dividiam com outros adolescentes as benesses recebidas, incrível a sensação de coletividade, poucas vezes vi grupos tão solidários. Os familiares vão embora com a tristeza que lhes cabe, com a esperança de ver acabar no retorno para casa de quem poderia não estar ali, e quem sabe não ver retornar. Ali aprendi que muitos já estavam, infelizmente, habituados com essa “rotina”, familiares e adolescentes, tornavam-se parte do cenário, figuras frequentes, a reincidência era o caminho mais provável. Tudo seguia até o próximo fim de semana, quando a paisagem seria a mesma.

Pular 10 anos e deparar-me com esse seminário que talvez traria ao tema mais evidência, abriria alguma discussão ou, na melhor das hipóteses, planos futuros de políticas institucionais antirracistas. Será que em algum momento deixarão de nos confundir? Seremos reconhecidos dentro da nossa capacidade intelectual? Profissional? Com a valorização que nos seja justa, sem os recortes tão profundos que nos acompanham? Seja nos corredores das galerias das unidades, seja nos corredores da administração?

Infelizmente, ainda engatinhamos quando trazemos a baila esse tema, o coro se mostra dissonante, as vozes lamuriam outras línguas, e “quase todos” se entendem, mesmo que não se compreendam, mesmo que não se aceitem ou se respeitem, são uníssonos em dizer que estamos pedindo demais.

Muitas perguntas sem resposta, nós sabemos que estamos em uma sociedade preocupada com seus próprios interesses, mantendo a manutenção do poder entre os seus e isso não seria diferente em um Departamento que atende a uma “clientela” de maioria negra.

No Seminário, obedecendo à prerrogativa e de falar sobre raça, foram convidados variados profissionais, alguns que ainda ocupam cargos no Departamento, dos que já ocuparam, e outros de outras instituições. O script estava pronto para ser seguido, mas dificilmente, tínhamos as respostas das perguntas: quem sabe o que é isso, quem sente na pele, e na vida? O lugar a que a desigualdade nos encaminhou, e os descompassos a que até hoje somos expostos?

Atualmente, temos 28 unidades no sistema, dessas, apenas duas possuem diretores negros, longe de qualquer proposição ideológica, a representatividade é algo que passa distante. O adolescente vê, em sua maioria, alguém que não se parece com ele nas posições de comando, em quem, possivelmente, não irá se espelhar e, quem sabe, um dia ser igual.

A realidade da maioria dos apreendidos perpassa pela escassez, seja a sua própria, ou do entorno da sua comunidade e família. Quando mencionei reincidência acima, ao sair, lá fora continua a mesma coisa, o mesmo lugar, a mesma “facilidade” de se alcançar objetivos, alguma sensação de poder, de compra, de domínio, mas, principalmente, de consumo, contribuição do capitalismo feroz. Infelizmente, convivemos com os que insistem em trazer tentativas de refutar esse discurso, como alguém que se tornou “melhor”, trabalhou estudou, esses, geralmente, fazem uso de um lugar privilegiado, enaltecendo a meritocracia: “chega lá” quem quer, basta se esforçar.

Foi enriquecedor ver e ouvir pessoas que se parecem com você, cheias de conhecimento, seja o saber profissional, o saber acadêmico, ou os dois aliados. As mesas meticulosamente preocupadas em passar uma mensagem de ‘otimismo’, um grito de protesto contra ao desregramento normalizado, enalteciam o fortalecimento e a coletividade, mostrando que já estivemos em épocas mais sombrias e que, apesar de tantos obstáculos, conseguimos avançar, mesmo que minimamente.

O quilombo estava formado pela primeira vez diante dos meus olhos no meu ambiente de trabalho, associando esse fato à analogia da escravidão, dos que conseguiram fugir e resistir, para que hoje pudéssemos nos reunir e socializar as nossas experiências, saberes e metas. A nossa fogueira estava acesa e a nossa ancestralidade nos acompanhava, sorrindo e vendo que valeu a pena seguir pela mata densa, mesmo que a voz dos cães farejasse a nossa cor.

Constituído o debate, quem pode sentar e reconhecer o seu lado? Fazer-se de rogado, de inerte, não vai eximir ninguém das culpas intrínsecas. A Instituição favorece, mesmo que “involuntariamente” (voluntariamente), o esvaziamento das pautas, é o que parece mais convicto. Prevalecendo a

continuação da perpetuação do quadro atual, o arranjo é revelado em todos os cantos, alguns regados com prantos, sonidos inaudíveis aos que se fazem surdos, imperceptíveis aos que se dizem cegos, contudo, continuam a ignorar o processo de reparação que se faz premente e cada vez mais urgente, pois estamos dispostos, preparados e prontos para ocupar outros espaços.

Quem sabe daqui a dez seminários, tenhamos cenários diferentes, louváveis, com motivos reais para comemoração? Um lugar em que “ninguém” fazendo parte das mesas, se apresente pertencente, use de validação, por ter negros na família ou descendência indígena. Que a educação antirracista atinja a todos, principalmente, os negros do Departamento. Que diálogos pejorativos não partam mais desses. Que falta de pertencimento e crises identitárias diminuam. Que não seja comum vê-los nos corredores da administração e nas galerias das unidades, reforçando o pacto da “branquitude” de manter a divisão entre nós. Precisaremos reforçar as trincheiras e estarmos vigilantes, sabendo que ocupar o lugar da resistência é o caminho das pedras, é saber que desconfortos serão vividos. Os sacos do balaio estão prontos, taxado, por muitos, como alguém “metido”, altivo, cheio de si e, por outros, como “mimizento”, defensor de minorias, quem se vitimiza. Não há como passar incólume.

Ofensivamente, mas com “educação”, eles nos presenteiam com alcunhas que têm como principal objetivo diminuir a importância do tema, da bandeira que a gente considera vital para a nossa existência, fora ou dentro da instituição. Quem reage se torna raivoso e uma pessoa difícil? Esse Seminário poderia ser uma extensão de confirmação da nossa voz, mas passou despercebido pela maioria. Sabemos que nada é mera coincidência e que incidências não descortinadas pelas camadas de racismo estrutural formam o espesso conceito de que estamos fora do escopo. O planejamento, ainda, não alcança as nossas peles.

Mas, cada bandeira fincada, uma conquista. Cada pedaço, um avanço. Foi importantíssimo esse acontecimento, o Seminário, o espaço ocupado, as pessoas escolhidas. Não podemos parar. A Socioeducação e seus atores envolvidos carecem de cuidado, de trato, não podem caminhar separadamente dos assuntos de raça.

Estatisticamente, somos maioria em quase todos os espaços, menos nas cadeias de comando e representatividade. A sociedade que perpetua a desigualdade em seu próprio benefício, mora aqui também e consegue apontar o dedo para o problema, apesar de fazer parte dele e/ou muitas vezes criadora dele. Ninguém quer perder o seu quinhão. Dividir, nem pensar. Ainda bem que a gente não pensa em tomar violentamente, só queremos o

que é nosso, o que tomaram dos nossos antepassados. Queremos as coroas que hoje enfeitam as cabeças dos que nos roubaram. Estamos pedindo, sem querer atrapalhar a viagem de ninguém.

Para mim, esse lugar é uma conquista, sou um vencedor e vou resistir para ser respeitado nesse espaço. De onde eu venho ou de onde viemos, estar aqui é a vitória que muitos dos nossos não puderam alcançar. O quilombo esteve em festa, quem compareceu por lá, teve que lutar, fugir ou resistir a muitos “sinhozinhos” e “sinhazinhas” modernas. Folhas sagradas foram colocadas sobre as nossas feridas abertas, demos as mãos, na intenção de agradecimento aos que vieram primeiro, dos reis e rainhas da nossa memória, dos antepassados e ancestrais que pavimentaram e trilharam as nossas fugas. Sem eles, estaríamos somente contando os corpos, mas a nossa missão é outra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Denílson. Reflexões acerca do genocídio negro no Brasil. Rio de Janeiro, 2020. V curso NEAB/DEGASE 2020. (1 vídeo) 1h41 min. Publicado pelo canal da Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0THAozy-FKDg>. Acesso em 20 dez 2020.

CARVALHO, Igor. Juíza declara em sentença que homem negro é criminoso "em razão da sua raça" Brasil de fato. São Paulo.

SINHORETTO, Jacqueline ;MORAIS, Danilo de Souza . Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada. Revista de Estudios Sociales, v. 64, p. 15-26, 2018.